

HMAD GHARABLI/AFP/26-10-2023



**Protesto.**  
Instalação com 224 feixes de luz em  
Jerusalém, em movimento que pede a  
libertação das pessoas sequestradas pelo  
Hamas no dia 7 de outubro

**banho-maria ao seu redor, e hoje não tem com quem negociar. Não há liderança que realmente representa a maioria dos palestinos. Há anos no Brasil venho defendendo a formação de novas lideranças políticas, caso contrário continuaremos a usar receitas e ideias do século XX para resolver questões do século XXI. Você vê novas lideranças surgindo em Israel e entre os palestinos?**

Não posso comentar sobre o lado palestino. Mas, em Israel, ao mesmo tempo que assistimos à disfunção do Estado, temos um espírito incrível de voluntariado na sociedade civil. Muitas organizações que tinham sido criadas para se opor a Netanyahu passaram agora a se concentrar em ajudar sobreviventes e refugiados, preenchendo lacunas deixadas pelo governo. Tenho esperança de que dessa mobilização surgirá uma geração inteiramente nova de liderança política e de organização política. Reitero que não basta Israel vencer a guerra externa contra o Hamas. O país também tem de vencer seu conflito interno para emergir deste conflito mais democrático, mais unido e mais disposto a explorar a paz com os palestinos. Se Israel vencer a guerra contra o Hamas, mas o poder continuar nas mãos de populistas e o país se tornar mais racista, mais extremista e mais fanático, então será uma vitória de curta duração.

**Quando te ouvi pela primeira vez, há dez anos, você estava falando exatamente sobre a Humanidade estar vivendo o momento mais pacífico da sua História. O que aconteceu? Por que recuamos tanto?**

Há dez anos o mundo provavelmente viveu a era mais pacífica da História da Humanidade. Havia problemas, havia conflitos, mas, comparado com as épocas anteriores, o mundo de há dez anos era o mais pacífico de todos os

tempos. Mais pessoas morriam por comer demais do que por causa da violência humana. E esta foi uma conquista da ordem liberal global, que teve muitos problemas, é claro, mas ainda assim foi melhor do que qualquer alternativa. A ordem liberal global baseou-se na ideia simples de que todos os humanos são basicamente iguais. Todos pertencemos à mesma espécie biológica. Todos nós sentimos dor. Todos nós amamos nossos filhos e nossos pais. Portanto, como temos alguns interesses e valores comuns, podemos construir uma ordem global com base no reconhecimento desses valores e interesses universais. A razão pela qual o mundo estava relativamente pacífico há dez anos não foi porque Deus fez um milagre. Não foi porque as leis da natureza foram alteradas. Foi porque os humanos trabalharam arduamente durante gerações para construir uma ordem internacional funcional.

Depois de um tempo tivemos muitos ataques a essa ordem liberal global. Não apenas de pessoas de fora dela, como Putin, Kim Jong-un ou o Irã. Mas também de dentro do ocidente liberal, com o Brexit no Reino Unido, com Donald Trump nos EUA... Então foi isso que aconteceu: houve um ataque sistemático à ordem global. E, quando se ataca a ordem, o que se obtém é desordem. Há um padrão de conflito e violência crescentes no mundo. A invasão russa da Ucrânia é o exemplo mais óbvio, mas não o único. E, novamente, não é apenas o Putin. Foram alguns dos países que estiveram na vanguarda da construção da ordem global, como os EUA, que escolheram líderes que atacaram deliberadamente os valores da ordem liberal e as instituições globais. Se eles dissessem “o.k., não gostamos da ordem liberal global, não gostamos de seus

valores e interesses, e aqui está uma ordem alternativa de que gostamos mais”, então o.k., vamos debater, vamos ver qual ordem é melhor. Mas eles não fizeram isso. Eles apenas atacaram a ordem global existente e não ofereceram nada em seu lugar. Eles apenas disseram “meu país primeiro, eu farei meu país grande”.

**O antissemitismo voltou a assombrar o mundo. Busco explicar isso ao povo brasileiro de uma forma fácil de compreender. Nós, judeus, somos uma comunidade relevante no Brasil, mas estamos longe de ser populares. O Brasil real pouco sabe sobre o extermínio de seis milhões de judeus na Europa não muito tempo atrás. Me ajude a refletir sobre isso?**

É completamente legítimo os brasileiros ou quaisquer outras pessoas se preocuparem com o sofrimento dos civis palestinos em Gaza. Mas isso não deveria levá-los a apoiar o extermínio do Estado de Israel ou a violência contra os judeus em todo o mundo. Se você está atento e se preocupa com o sofrimento dos civis palestinos em Gaza, por que isso deveria implicar que crianças judias em São Paulo deveriam ter medo de ir à escola? Qual é a conexão? E, infelizmente, um dos fios de ligação é essa ideia muito simplista que você vê em termos binários, de que toda a bondade está de um lado e de que todo o mal está do outro lado. Isso é preguiça intelectual e emocional. É possível ser a favor da proteção dos direitos humanos dos palestinos e do estabelecimento de um Estado palestino e, ao mesmo tempo, ser a favor da proteção do Estado de Israel e dos seus cidadãos.

**Esse sou eu! Você me descreve!**

E descrevo a mim também! Apoio a criação de um Estado palestino pacífico ao lado de Israel. Não sei como é no Brasil, mas, em Londres, vo-

cê vê uma turma indo para a rua cantar “do rio ao mar, a Palestina será livre”. Se você for olhar o mapa, vai perceber que, se tiver a Palestina em todo o território entre o Rio Jordão e o mar, então onde estará Israel? As pessoas que entoam isso, talvez nem reparem, na verdade estão apoiando a aniquilação do Estado de Israel e dos milhões de judeus que lá vivem. Podemos apoiar o estabelecimento de um Estado palestino ao lado de Israel e podemos nos preocupar com os direitos humanos dos palestinos e, ao mesmo tempo, nos preocupar com os direitos humanos dos israelenses e dos judeus. E, quando os terroristas do Hamas torturam e assassinam civis nas suas casas, podemos condenar isso também.

**Cheguei esta semana da Índia. Por isso estou com uma frase de Gandhi em mente: “Olho por olho, logo todo mundo vai ficar cego”.**

Exatamente! É isso que vem acontecendo na nossa região há gerações. Quando centenas de milhares de palestinos perderam suas casas em 1948, os países árabes reagiram, retaliaram e expulsaram centenas de milhares de judeus de suas casas ancestrais no Egito, no Iraque, no Iêmen. A família do meu marido vivia no Egito havia gerações, mas, depois de 1948, foram todos expulsos, e todas as propriedades foram tomadas pelo Estado. Desde então você tem esse ciclo de violência e retaliação, que não leva a lugar nenhum, exceto a um mundo completamente cego, como você diz. As pessoas tentam salvar o passado. As pessoas tentam corrigir o passado. Mas você não pode salvar o passado. O passado se foi. Não se pode voltar atrás no tempo. Deveríamos, sim, olhar para o futuro. Como podemos evitar a continuação de atrocidades e crimes? Lesões passadas devem ser curadas em vez de servirem de desculpa para

infligir novas lesões. Este deveria ser o tipo de princípio orientador da nossa atitude em relação à restauração. Infelizmente, muitas pessoas de ambos os lados têm esta ideia errada de justiça absoluta. Essa ideia só garante uma guerra sem fim, porque não houve um único tratado de paz em toda a História da Humanidade que proporcionou justiça absoluta. Todos os tratados de paz exigem compromisso e o reconhecimento de que o passado se foi. Espero que agora as pessoas olhem para o futuro, porque estamos à beira de uma catástrofe ainda pior. O que vimos nas últimas duas semanas pode ser apenas o início de uma crise muito, muito maior. Este conflito poderá espalhar-se da Faixa de Gaza para a Cisjordânia, para o Líbano, com o Hezbollah, para toda a região. Teoricamente, podemos até estar à beira de usar armas nucleares pela primeira vez desde 1945. A primeira prioridade é desescalar, evitar que o conflito se espalhe, e para isso precisamos de algum tipo de gestos concretos, não apenas de palavras. E o passo mais óbvio é o Hamas libertar incondicionalmente todos os reféns que capturou. Isso trará algum tipo de espaço para respirar e sanidade à situação.

**Gosto quando você diz que não podemos corrigir o passado, mas acho que devemos aprender e entender o passado para visualizar o futuro. Não se pode colocar na mesma caixa o Hamas e o povo palestino. Temos que separar isso claramente. Se queremos construir um futuro com paz, Israel também precisa oferecer esperança aos palestinos.**

Absolutamente! E há anos que tenho sido um crítico muito forte do governo de Netanyahu pelas suas políticas sobre a ocupação, sobre as colônias, sobre a forma como ele não tentou alcançar a paz com os pa-

lestinos, sobre a forma como adotou políticas francamente racistas com ideias de supremacia judaica. E espero que Israel abandone estas ideias e políticas terríveis o mais rapidamente possível, porque não haverá paz para ninguém, incluindo para os israelenses, se os milhões de palestinos não tiverem o direito de viver dignamente na sua terra natal, de criar famílias, abrir negócios e viajar livremente.

**Um de seus livros mais importantes fala sobre “21 lições para o século XXI”. Tenho certeza de que, se fizermos o dever de casa com base em seu trabalho, talvez o mundo se torne um lugar mais justo. Mas esse seu livro não traz lições sobre guerra e paz... Há algo que você possa adicionar sobre esse tópico?**

Uma mensagem muito simples: podemos escolher entre a ordem e a desordem no mundo. Nos últimos anos escolhemos a desordem, e o preço foi cada vez mais violência. Precisamos de cada um de nós, independentemente do que vivamos, para reconstruir a ordem, entendendo que ela não será perfeita e não proporcionará justiça perfeita. A justiça absoluta não é uma meta alcançável. Mas a paz é possível. Há sete, oito décadas, os alemães assassinaram das formas mais atrozes seis milhões de judeus. E hoje Alemanha e Israel são fortes aliados. Se foi possível, num espaço de tempo relativamente curto depois do Holocausto, que alemães e judeus se tornassem amigos, então tudo é possível. Hoje parece que israelenses e palestinos estão condenados a viver para sempre com ódio e violência. Mas a perspectiva da História nos dá esperança de que, se as pessoas fizerem as escolhas certas, se decidirem curar as lesões passadas e não as usarem como desculpa para criar mais lesões, há chance de paz e reconciliação.